

**Congresso europeu conjunto CCEE-CEEC**

**Sarajevo, 15 a 18 de maio de 2014**

**Padre João Seabra**

Responsável pela formação cristã dos docentes do Colégio de S. Tomás

## **A formação cristã pessoal e o acompanhamento espiritual dos docentes católicos nas escolas**

O tema da formação cristã pessoal e do acompanhamento espiritual dos docentes católicos nas escolas pode ser declinado pelo menos em três dimensões diferentes: o âmbito mais vasto da cura pastoral dos católicos presentes como docentes na escola, pública ou privada, católica, de outra denominação ou laica; a especial atenção aos docentes de religião na escola pública, nos países da Europa que, com diversos regimes e estatutos profissionais e académicos, incluem alguma forma de ensino da religião católica no programa escolar pré-universitário; a responsabilidade que a Igreja tem de educar e acompanhar no caminho da fé os educadores das escolas que lhe pertencem.<sup>1</sup>

De certo modo, pode-se dizer que o primeiro âmbito, o dos docentes católicos no conjunto das escolas, pode ser reconduzido ao tema geral do apostolado laical dos adultos: a Igreja do século XX, a partir do famoso Pentecostes de 1928, quando Pio XI proferiu o seu “*Eu quero a Ação Católica*”, até à *Apostolicam actuositatem* do Vaticano II e à Exortação Apostólica *Christifideles laici* de S. João Paulo II, não cessou de multiplicar as modalidades de acompanhamento da presença dos católicos no ambiente. O

---

<sup>1</sup> Estes temas foram objeto de particular atenção por parte da Santa Sé nos últimos quarenta anos, no sulco da Declaração conciliar *Gravissimum educationis*. Elencamos as intervenções mais importantes: SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A Escola Católica*, 19.3.1977; ID., *O leigo católico testemunha de fé na escola*, 15.10.1982; CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Dimensão religiosa da instrução na escola católica. Orientações para a reflexão e a revisão*, 7.4.1988; ID., Carta *O apostolado do ensino religioso nas escolas católicas*, 15.10.1996; ID., *A escola católica no limiar do terceiro milénio*, 28.12.1997; ID., *As pessoas consagradas e a sua missão na escola. Reflexões e orientações*, 28.10.2002 (XXXVII aniversário da Declaração *Gravissimum educationis*); ID., *Educar juntos na escola católica. Missão partilhada por pessoas consagradas e fiéis leigos*, 8.9.2007; ID., *Educar ao diálogo intercultural na escola católica. Viver juntos para uma civilização do amor*, 28.10.2013.

acompanhamento espiritual e a formação dos docentes acompanham a crise do apostolado organizado nos últimos trinta anos do século passado, aproveitando, ao mesmo tempo, também das novas formas de presença cristã introduzidas pelos movimentos e novas comunidades que entretanto surgiram na vida da Igreja

O segundo âmbito – a atenção pastoral aos docentes de religião – é um aspecto específico, com exigências e possibilidades de actuação muito diversificadas nos diversos países. Não me ocuparei dele, a não ser na medida em que fazem parte dos docentes da escola católica.

Entro no mérito da formação dos docentes da escola católica, que tem um valor exemplificativo: de certa forma, o que a Igreja consegue fazer no campo da formação e do acompanhamento dos docentes, nas escolas sobre as quais exerce autoridade directa e com os docentes de que tem responsabilidade imediata, poderá servir de paradigma para a actuação pastoral com os docentes católicos da escola pública.

Nesta reflexão inspiro-me em duas intervenções recentes do Papa Francisco: o discurso à Plenária da Congregação para a Educação Católica, do passado 13 de Fevereiro, sobre a *preparação qualificada dos formadores* da escola católica, e o discurso ao mundo da escola italiana, de sábado, 10 de maio. Dizia o Santo Padre em Fevereiro:

*“Não se deve improvisar. Devemos ser sérios. (...) Nas escolas católicas, o educador deve ser, antes de tudo, muito competente, qualificado e, ao mesmo tempo, rico de humanidade, capaz de permanecer no meio dos jovens com um estilo pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual. Os jovens têm necessidade de qualidade de ensino e igualmente de valores, não apenas enunciados, mas testemunhados. A coerência é um fator indispensável na educação dos jovens. Coerência! Não se consegue fazer crescer, não se pode educar sem coerência: coerência e testemunho.*

*Por isso, o próprio educador tem necessidade de uma formação permanente. Portanto, é preciso investir a fim de que professores e dirigentes possam manter alto o seu profissionalismo e também a sua fé e a força das suas motivações espirituais. E, ainda nesta formação permanente, tomo a liberdade de sugerir a necessidade de retiros e de exercícios espirituais para os educadores. É preciso promover cursos sobre esta e aquela temática, mas também é necessário fazer cursos de exercícios espirituais e retiros para rezar, porque a coerência é um esforço, mas principalmente uma dádiva e uma graça. E devemos pedi-la!”*<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica*,

### ***1. O primeiro passo. Identidade da escolar católica e liderança***

Já em 1977, num contexto muito diferente do atual, a Congregação sublinhava “a necessidade de que a escola ponha em confronto o próprio programa formativo, os conteúdos e os métodos, com a visão da realidade em que se inspira e da qual tudo depende na escola”.<sup>3</sup> Esta nossa “visão da realidade” entra, com frequência cada vez maior, em contradição com ideologias propostas pelas autoridades dos Estados e promovidas sistematicamente pelas organizações internacionais. A escola católica, copiando por vezes sem sentido crítico, a escola estatal, pode tornar-se instrumento da transmissão de uma “visão da realidade” oposta à fé cristã. Corremos assim o risco de esquecer o essencial: “O que (...) define [a escola católica] é a sua referência à verdadeira concepção cristã da realidade. Jesus Cristo é o centro desta concepção”.<sup>4</sup>

Num passado ainda recente, muitas escolas católicas eram guiadas com uma determinação incansável de serviço ao bem da pessoa, com humanidade, humildade, sacrifício e sentido da cruz. Muitas vezes estavam confiadas a pessoas de visão, decididas a mudar o mundo e a doar-se pela construção do Reino, pessoas que tinham uma visão da Igreja, da pessoa, da sociedade, aprendida na exigência da sala de aula, na disciplina da oração e na fidelidade ao Evangelho. Talvez fosse necessário recuperar esses perfis dirigentes nas novas circunstâncias, e não ceder à tentação de entregar as direcções e os lugares de responsabilidade das escolas aos conformistas que amam o poder. O testemunho de fé e de competência pedagógica das *lideranças* é essencial.

Grandes mudanças, porém, atingiram um pouco por toda a parte a escola católica, alterando profundamente o contexto escolástico católico.<sup>5</sup> A diminuição radical do número de educadores pertencentes à vida consagrada – sacerdotes, religiosos e religiosas – presentes na escola, levou nalguns países, certamente no meu, a uma quebra significativa do número de escolas católicas, com dioceses e congregações a fechar as escolas, cedendo-as ou vendendo-as; mas sobretudo contribuiu para a existência de um número crescente de escolas,

---

13 de fevereiro de 2014 (citado *Discurso à Plenária*). Nesta intervenção, o Santo Padre também fez referência ao recente documento da Congregação para a Educação Católica, *Educar ao diálogo intercultural na escola católica*, citado na nota anterior.

<sup>3</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A Escola Católica*, 19.3.1977, n. 28.

<sup>4</sup> *IBIDEM*, n. 33.

<sup>5</sup> No horizonte do Grande Jubileu, a Santa Sé resumiu os sinais da transição num documento que, passados quase vinte anos, se mantém atual: CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A escola católica no limiar do terceiro milénio*, referido na nota 1.

canonicamente católicas no sentido do can. 803 §1 (escola dirigida pela autoridade eclesiástica ou por uma pessoa jurídica eclesiástica pública), que seguem mal, ou simplesmente não seguem, os critérios do §2 (“*A instrução e a educação nas escolas católicas deve basear-se nos princípios da doutrina católica; os docentes distingam-se pela ortodoxia e pela honestidade de vida.*”).

Também por isso, a questão da formação cristã pessoal e do acompanhamento espiritual dos docentes não se pode hoje dar por adquirida. Se quisermos manter o carácter católico da escola – não como formalidade jurídica, garantida pela propriedade, mas como lugar de proposta e de testemunho de fé – é necessária uma consciência acrescida do cuidado a ter na escolha e na guia dos nossos docentes.

Penso que devemos ajudar-nos, e ajudar os nossos docentes, a reconhecer e propor Jesus a partir de dentro do que se ensina: o ideal de uma escola católica, que não vive sobretudo da soma de coisas católicas, mas de um olhar mais verdadeiro e completo, e por isso mais entusiasmante, sobre as matérias concretas, é uma novidade poderosa. Dou um exemplo da escola onde trabalho: recentemente, assumimos um grande especialista. Para nos ajudar com o método que usamos no ensino da matemática; a chefe do departamento de matemática dizia-me, há dias, como ele ficara muito impressionado com a formação de docentes que fazemos todas as semanas e que, dado o seu estatuto, lhe fora proposta de forma opcional, nunca faltando a um encontro.

## ***2. A formação cristã pessoal no âmbito da escola***

Vejamos como o Papa Francisco resume o essencial da experiência educativa: “*Educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência, juntamente com os jovens*”.<sup>6</sup>

Três questões se põem, então: como acompanhar e formar adultos, para que se tornem, cada vez mais, os melhores recursos, mantenham viva a paixão pela porção do real que ensinam, e caminhem com paciência juntamente com os jovens? Pois é verdade que a formação dos docentes na escola é a maior urgência que sentimos; o risco, porém, consiste em reduzir a experiência cristã e, portanto, a formação, aos aspectos éticos, morais ou

---

<sup>6</sup> PAPA FRANCISCO, *Discurso à Plenária*.

sentimentais, sempre emboscados no caminho, e que podem ser de obstáculo a esse *encontro de duas liberdades* que define o acto educativo: a liberdade do docente católico pode esconder-se atrás das consequências da experiência cristã, impedindo que o aluno encontre realmente o docente.

### ***2.1. O melhor recurso: o coração do homem***

Para enfrentar a primeira questão – qual o melhor recurso da escola católica? – dou um exemplo. A classe de teatro do colégio que acompanho preparava-se para representar a opereta *West Side Story*. As duas docentes realizaram o trabalho de construção dos personagens, guiando os alunos numa permanente comparação entre a experiência de amor e amizade que os personagens vivem e a experiência humana que os próprios alunos faziam. Fizeram-no sem uma deliberada estratégia pedagógica, quase inconscientemente, porque tinham sido educadas a responder pessoalmente nessa modalidade. O que aconteceu – para além de um belíssimo espectáculo de teatro, canto e dança – foi uma mudança nos alunos: aprendendo e interiorizando as razões dessa história de amizades e inimizades, a relação entre eles mudou, a amizade tornou-se mais segura nas motivações, mais fundada, mais leal. E também a amizade entre as duas docentes mudou. A experiência de aprender através do teatro mudou as pessoas que nela se envolveram com lealdade.

Em 1982, reflectindo sobre o leigo cristão na escola, dizia a Congregação para a Educação: “(..) *não se pretende falar aqui do professor como de um profissional que se limite a transmitir na escola uma série de conhecimentos sistemáticos, mas, sim, do professor como educador, como formador de homens. O papel deste último supera de muito o do simples docente, porém não o exclui. (...) O educador, tem necessidade de uma preparação profissional adequada. (...) Mas a profissão do educador possui uma característica específica: a transmissão da verdade. E esta característica atinge o seu sentido mais profundo no educador católico. Para ele, qualquer verdade é sempre uma participação na única Verdade. A comunicação da verdade como realização da sua vida profissional transforma-se no carácter fundamental da sua peculiar participação na missão profética de Cristo, que ele prolonga com o seu ensino.*”<sup>7</sup>

A pequena história que contei procura indicar-nos um primeiro passo: o melhor recurso ao serviço da educação católica é o coração do homem, feito para a verdade; daí que

---

<sup>7</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *O leigo católico testemunha de fé na escola*, 15.10.1982; n. 16.

o coração do homem tenha de ser o primeiro alvo do acompanhamento e da formação pessoal dos docentes na escola católica. Deve-se partir sempre dessa pergunta do homem, a que Jesus deu resposta. Nada é mais inútil que a resposta a uma pergunta que não foi feita.

Encontramos um pensamento do Cardeal Ratzinger: *“Terá ainda a fé, de modo absoluto, alguma possibilidade de sucesso? (...) [Sim] porque encontra correspondência na natureza do homem. No homem existe uma inextinguível aspiração nostálgica ao infinito. Nenhuma das respostas que se procurou é suficiente; só o Deus que Se tornou finito, para rasgar a nossa finitude e levá-la à amplidão da sua infinidade, é capaz de vir ao encontro das perguntas do nosso ser. Por isso, também hoje a fé voltará a encontrar o homem.”*<sup>8</sup> Daí que a escola católica tenha, também hoje, uma sua possibilidade de sucesso.

## **2.2. Despertar a paixão**

O amor pela escola, diz o Papa Francisco, pede-nos também para despertar a paixão: como ajudar os docentes a manter acesa a paixão pela matéria que ensinam, ou seja, pela pequena porção de realidade de que são responsáveis perante os seus alunos?

Antes de mais, penso que é preciso testemunhar constantemente a própria paixão educativa. Conta-me a secretária da reitora do colégio: *“Todas as segundas-feiras, às três e meia, a reitora, depois da aula de religião que dá aos alunos finalistas, entra no gabinete a rir, e diz-me: ‘Que giro que isto é!’.* E eu penso: *mas será possível que, depois de quarenta anos de vida na Igreja e vinte a estudar o ‘Porquê a Igreja?’*,<sup>9</sup> *esta mulher ainda esteja tão apaixonada pelo tema...?”*. A primeira coisa devemos suscitar, acompanhar e educar é docentes de história, literatura, matemática, física, biologia, arte, desporto, apaixonados pelo que ensinam.

Segundo, dar espaço e tempo à investigação e criatividade dos docentes. Muitas vezes, a preocupação da formação humana dos docentes torna-se uma questão paralela com o aprofundamento científico e cultural das disciplinas que ensinam. É um erro metodológico: há que educar o coração do homem dentro da experiência da história, da literatura, da matemática, da arte, da ciência, do desporto, para que cada um possa verificar pessoalmente a hipótese que lhe é apresentada.

Terceiro, é preciso arriscar a liberdade. Quem tem a responsabilidade de acompanhar e

---

<sup>8</sup> Joseph RATZINGER, *Fede, Verità, Tolleranza. Il cristianesimo e le religioni del mondo*, Cantagalli, Sena 2003, pp. 142-143.

<sup>9</sup> Refere-se ao texto usado na aula: LUIGI GIUSSANI, *Porquê a Igreja?*

formar os docentes estará naturalmente mais adiante no caminho, na aventura do significado da realidade. A proposta a endereçar à liberdade dos docentes deve ser caracterizada por uma grande clareza como hipótese cultural e de interpretação da realidade. A verificação dessa hipótese deve ser absolutamente livre para poder ser aceite e partilhada.

Sábado passado, falando ao mundo da escola na Praça de São Pedro, o Papa Francisco revelava o motivo do seu amor pela escola, dizendo, entre outras coisas: “*Amo a escola, porque é sinónimo de abertura à realidade. (...) Ir à escola significa abrir a mente e o coração à realidade, na riqueza dos seus aspectos, das suas dimensões. E nós não temos direito de ter medo da realidade! A escola ensina-nos a compreender a realidade. Ir à escola significa abrir a mente e o coração à realidade, na riqueza dos seus aspectos, das suas dimensões. E isto é lindíssimo!*”<sup>10</sup>

O docente é apaixonado da realidade; tem também, como sugere o Papa, a paixão de introduzir os seus alunos na realidade total<sup>11</sup>: não só no como são as coisas, mas no significado, no sentido e finalidade que elas têm. O docente deve confiar na ligação que um aluno sadio tem com o real, e indicar os conteúdos programáticos de modo a ilustrar essa ligação, para que o aluno esteja apto a reconhecê-la e a desenvolvê-la por si próprio. A “matéria” não é manipulável pelo docente conforme a sua ideologia ou gosto pessoal. A “matéria” deve ser a ponte entre as capacidades de cada aluno e a realidade, cada aspecto da realidade.

### ***2.3. Caminhar com paciência, juntamente com os ... adultos.***

O Papa, no *Discurso à Plenária*, conclui convidando os docentes a caminhar com paciência juntamente com os jovens. Quem tem a responsabilidade de formar os docentes deve estar disponível para caminhar com paciência juntamente com os adultos. O acompanhamento dos docentes é um caminho que deve ser feito com eles e que requer paciência. Deve favorecer a reflexão contínua sobre a experiência feita na sala de aula; devem criar-se momentos de avaliação sobre as propostas curriculares, pedagógicas e didáticas; é necessário valorizar as experiências positivas no seio da comunidade educativa, propondo diálogo e seguimento.

---

<sup>10</sup> PAPA FRANCISCO, *Discurso ao mundo da escola italiana*, 10 de maio de 2014 (citado *Discurso ao mundo da escola*).

<sup>11</sup> É a definição de educação de Jungmann: “*Eine Einführung in die Gesamtwirklichkeit*”, cf. J.A. JUNGSMANN, *Christus als Mittelpunkt religiöser Erziehung*, Freiburg da Burgóvia 1939, p. 20. Citada em LUIGI GUISSANI, *Educar é um Risco*, Lisboa 2006, p.65

Como despertar nos docentes a procura do ideal, a abertura a uma posição religiosa verdadeira, uma atracção pelo cristianismo vivo, ajudando-os a tornarem-se testemunhas e educadores? Trata-se de adultos já formados, com diversos graus de experiência e, muitas vezes, com grande qualidade técnica e humana: o desafio é conseguir propor um tempo e um método, que seja interessante e útil para todos. Na escola que ajudo a guiar mantivemos sempre, ao longo dos anos, uma hora semanal de formação, com diversas propostas, que também tiveram um diverso sucesso.

A que, desde há muito tempo, considero a melhor recordação, uma ocasião que tantos ainda hoje recordam como sendo exemplar, foi a proposta de leitura, durante o inteiro ano lectivo, da obra de Claudel *O anúncio feito a Maria*. Uma vez por semana, reuniam-se os docentes do preparatório e secundário; todos tinham o livro, liam-se as palavras dos personagens (e também as indicações da cena) de um trecho da peça. Eu comentava, fazendo perguntas sobre o significado do que fora lido. O resultado era um confronto sério, comovedor e, muitas vezes divertido, com as palavras de Claudel.

Porque se tratava de ler uma história, o fascínio de seguir o enredo levava a desejar saber o que vinha a seguir. E, tratando-se de um grande poema, traduzido para português por Sophia de Mello Breyner, um dos maiores poetas do século XX, todos se sentiam atraídos pela beleza do conteúdo e da forma. Por ser uma história exemplar sobre o cristianismo e sobre a vida concreta, e por permitir uma leitura viva dos próprios docentes, tornou-se uma experiência vivida e partilhada por todos, muito pessoal, ao mesmo tempo que tutelava o natural pudor, que, numa grande reunião, impede as pessoas de se exporem em público. A variedade dos personagens e das suas reacções e acções sublinhava o drama da liberdade, que os próprios docentes sentiam na sua vida. O diálogo sobre o texto lido era sempre fecundo, cheio de um humor que aproximava as pessoas. Foi uma grande ocasião de amadurecimento, para descobrir uma certa dose de mesquinhez na nossa vida e de desejo de grandeza, pois cada qual encontrava na história uma e outro, podendo julgá-las e avaliá-las com distanciamento e proximidade ao mesmo tempo.

Para continuar na nossa análise, deixemo-nos, mais uma vez, guiar pelo Papa Francisco: “... é preciso investir a fim de que professores e dirigentes possam manter alto o seu profissionalismo e também a sua fé e a força das suas motivações espirituais. E, ainda nesta formação permanente, tomo a liberdade de sugerir a necessidade de retiros e de exercícios espirituais para os educadores. É preciso promover cursos sobre esta e aquela temática, mas também é necessário fazer cursos de exercícios espirituais e retiros para rezar,



*porque a coerência é um esforço, mas principalmente uma dádiva e uma graça. E devemos pedi-la!*<sup>12</sup>

Certamente estes retiros, cursos de exercícios, momentos de oração, fazemo-los com regularidade, e devemos aproveitar a indicação do Santo Padre para ser mais precisos neste campo. Momentos de catequese explícita, racionalmente fundada e culturalmente relevante – uma Evangelização que procure estar pelo menos ao nível académico dos docentes, e não infantil ou sentimental.

Mas há que estar sempre atentos também ao que propõe o Espírito, mesmo fora das nossas previsões pastorais. Dou um pequeno exemplo: desde o início do colégio, fazemos todos os anos um dia de peregrinação a Fátima. Vamos todos os docentes, todos os alunos, e todos os que trabalham no colégio: fecha-se a secretaria e a portaria, e convidamos a equipa do refeitório, que é externa. É um gesto muito simples, e um tanto cansativo (levamos quase duas mil pessoas, a partir dos três anos, muitos deles com handicap), que quebra a “rotina” quotidiana para fazer uma peregrinação, e é um grande desafio para todos. E cada ano perguntamo-nos: vale a pena continuar com este gesto? O que acontece lá aos nossos? É legítimo levar assim todos a Fátima? Estas perguntas encontram diferentes respostas na nossa experiência; apesar das dúvidas, continuamos a fazê-lo.

Há três anos um grupinho de dois ou três professores de educação física pediu-nos para fazer a viagem de bicicleta (três dias e três noites). Havia tantos motivos que desaconselhavam a ideia: os professores envolvidos eram necessários para a organização da viagem, a iniciativa parecia ter algo de lúdico... Mas eles eram entusiastas do desporto e da bicicleta, era para eles uma oportunidade de crescer numa unidade de vida... Tudo somado, acolhemos a iniciativa, apoiámo-la, permitimos que convidassem alunos e procurámos acompanhá-los: preparou-se um opúsculo de reflexões, orações e cantos; programámos testemunhos para os serões de cada noite; alguém da direcção saía de Lisboa para os encontrar. No primeiro ano eram 9, no segundo 19 e este ano já eram 40. Cada ano, torna-se cada vez mais uma experiência de conversão para os que participam e um testemunho de alegria e de liberdade para todos. A ideia não veio de nós: apenas permitimos.

---

<sup>12</sup> PAPA FRANCISCO, *Discurso à Plenária*.

### ***3. A responsabilidade educativa, lugar de crescimento para o docente***

Nestes anos que tive a responsabilidade de acompanhar tantos docentes no caminho da fé, aprendi a compreender o papel que a responsabilidade educativa tem no seu aprofundamento de fé. Explico-me com um exemplo. Uma vez por semana, encontro-me com todos os alunos do secundário durante um tempo de aula, que chamamos assembleia – e outros responsáveis, padres ou leigos, com os dos restantes ciclos. Os docentes do secundário assistem à assembleia que faço com os alunos. Os temas são variadíssimos, desde a vida eterna às eleições europeias, e os alunos fazem perguntas, intervêm, dão testemunhos, a que respondemos como melhor podemos. Durante estes anos, vi muitas vezes docentes ficarem interpelados, comovidos e mudados, graças a esse momento – talvez mais, e mais vezes, do que nos momentos a eles destinados. Perante as perguntas verdadeiras dos alunos, e também as respostas que essas perguntas lançam e provocam, desperta-se nos docentes o desejo de se sentirem compreendidos e respondidos da mesma maneira. Tantos momentos de encontro, conversão, sacramento com os docentes foram provocados pelas assembleias dos jovens. O facto – que também os alunos evangelizam, formam e acompanham espiritualmente os seus docentes – convida-me a terminar estas minhas considerações com uma última reflexão que o Papa Francisco fez sábado passado:

*“Um outro motivo [pelo qual eu amo a escola] é que a escola é um lugar de encontro. Porque todos nós estamos em caminho, iniciando um processo, empreendendo um caminho. E (...) a escola (...) não é um parque. É um lugar de encontro no caminho. Encontram-se os companheiros; encontram-se os professores; encontra-se o pessoal assistente. Os pais encontram os professores; o director encontra as famílias, etc. É um lugar de encontro. E nós hoje precisamos desta cultura do encontro para nos conhecermos, para nos amarmos, para caminhar juntos. (...) Isto faz pensar num provérbio africano tão bonito: ‘Para educar um filho é necessária uma aldeia’. Para educar um jovem é necessária muita gente: família, professores da escola básica, pessoal não docente, professores, todos! Gostais deste provérbio africano? Gostais? Digamo-lo juntos: para educar um filho é necessária uma aldeia. Reflecti sobre isto.”<sup>13</sup>*

Acrescento: não só para educar um filho; de certa maneira, também para educar um pai, para educar um educador, para educar na fé os docentes, é necessária uma aldeia. Ninguém educa, se não é educado: e as nossas crianças, adolescentes, jovens, testemunhando aos seus

---

<sup>13</sup> PAPA FRANCISCO, *Discurso ao mundo da escola*.

docentes a seriedade com o coração, o desejo de felicidade, a simplicidade da fé, são protagonistas desta missão: a formação cristã pessoal e o acompanhamento espiritual dos docentes.

Duas ultimíssimas observações. A primeira: cultivemos uma verdadeira companhia humana com os docentes, os pais e os jovens. Quando a Igreja se inclina sobre o sofrimento concreto do homem, as palavras de evangelização adquirem uma força incomparável. A segunda: cultivemos uma companhia vocacional entre os responsáveis. A nossa reitora costuma dizer que a educação e a formação espiritual são como a máscara do oxigénio nos aviões: antes de a pormos aos que nos são confiados – docentes, jovens, famílias – devemos pô-la em nós próprios. Várias vezes no ano, reunimo-nos, os das direcções dos colégios, para rezar e reflectir juntos. Todas as manhãs encontro-me com a reitora e uma vez por semana com a do novo colégio, para confrontar critérios essenciais, trocar pontos de vista, rezar juntos. Assim, reforçamos o testemunho que damos aos outros. Termino com um exemplo. Este ano, como disse, tomámos a responsabilidade de um novo colégio, que nos foi confiado pelas religiosas que o fundaram. Para educar os alunos e guiar os docentes, formámos uma equipa de três responsáveis a reitora, a directora do primeiro ciclo e a directora do segundo e do terceiro ciclos. Uma delas, que fazia com o seu marido há já alguns anos um caminho de fé com Famílias para o Acolhimento, adoptou três crianças no decurso do ano: para os docentes, que começam a relacionar-se conosco, isso tornou-se um testemunho mais forte do que todos os encontros de formação que fizemos.

Sarajevo, 17 de maio de 2014